

JORNAL NOVO – 20 de Setembro de 1975

### “Brandos Costumes” de Alberto Seixas Santos

E se, de súbito, o cinema português se pusesse a reflectir o nosso próprio quotidiano, o nosso próprio país? E se, sem aviso prévio nem fanfarras, um cineasta português resolvesse falar de nós mais do que dos seus fantasmas?

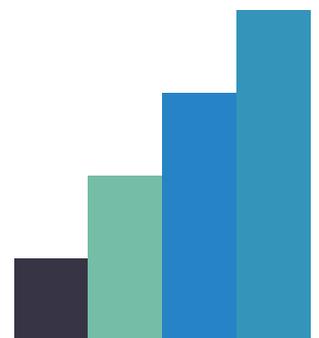
É isto, antes do mais, que “Brandos Costumes” é no cinema português. E isto que Seixas Santos lança como repto aos cineastas, ao público português. Apostar que, também cá, é possível falar cinematograficamente político e politicamente cinema. Demonstrar que o rigor estético e político é viável em Portugal. Sem passes de mágica nem bençãos divinas. Com a câmara e com inteligência, claro. Não sei se é possível escrever sobre “Brandos Costumes” sem se deixar entusiasmar pelo objecto da escrita. Provincianismo, dirão, ou embasbacamento diante de um (grande) filme português. Ou, as más línguas, compadrio, jeito que se faz a um oficial que já foi deste (meu) ofício e agora é desse outro que amamos, neste pequeno mundo em que toda a gente se conhece que é-o do cinema nacional. Não sei, sequer, se é útil, pragmático, falar deste filme sem escrever, caixa alta, VÁ VER SEM FALTA. Porque diante de algumas películas. diante de “Brandos Costumes”, a vontade é a de arrumar a caneta e os canhenhos e ir para a rua dizer a toda a gente que é um grande filme, as banalidades, os lugares-comuns do costume que se, evitam em geral numa escrita que procura o rigor.

É que o público, os não sei quantos leitores destas linhas. está tão desabitado do cinema português, tão céptico e tão distante, que me interrogo qual o caminho a seguir: se uma análise do filme, se um entusiasmo panfletário.

Mas de que fala “Brandos Costumes”, qual a história do filme? A verdade é que o filme não tem uma história, não se organiza como simples ilustração de um argumento prévio. Antes, a sua *démarche*, filia-se numa narrativa que, acima de tudo, é um discurso sobre o poder. O poder a vários níveis, político, familiar, de classe, o que, sabemos, é uma é a mesma coisa. Poder capitalista, numa sua forma específica que foi o fascismo português.

O filme não tem uma história, tem três realidades que se cruzam. Uma são os documentos cinematográficos do fascismo, a imagem, a representação exterior que ele dava de si mesmo através das manifestações, dos discursos, das paradas. Outra é uma ficção, uma família da pequena-burguesia, um pai classicamente democrata da 1ª República, anticlerical, mas a redução para um microcosmos do que Salazar era neste país. A terceira realidade é a de alguns “quadros”, inicialmente pensados musicais mas, em definitivo, apenas falados e centrados em *décors* teatrais.

São estes três textos (paralelos) que numa montagem que os confronta, os interpenetra, produzem o filme. E dentro dele está afinal condensado o essencial deste país. O fascismo e a autoridade, o poder, Deus, a guerra colonial, a repressão sexual e política, o medo e o desejo, o conformismo.



Filme sobre o Pai e a sua morte, sobre o Pai que odiávamos e temíamos, distante e venerado, sobre um Poder que resta vazio no final do filme, sobre todos nós que aprendemos (aprenderemos?) o caminho do deserto em direcção à Terra Prometida e bom será possuir a memória do que fomos (somos) e nunca o desejo das cebolas do Egipto.

Que os brandos costumes do quotidiano não impeçam a lucidez. Que este filme seja visto com a coragem que ele afirma de não recalcar um passado nem temer um futuro. Que é, queiramos ou não, o passado nosso que fundamental se torna não esquecer.

J.L.R.